

# O PASTOR AMOROSO

*Alberto Caeiro*

Fernando Pessoa

*Este texto foi digitado por Eduardo Lopes de Oliveira e Silva, no Rio de Janeiro, em maio de 2006. Manteve-se a ortografia vigente em Portugal.*

## SUMÁRIO

Quando eu não te tinha	4
Está alta no céu a lua e é primavera	5
Agora que sinto amor	6
Todos os dias agora acordo com alegria e pena	7
O amor é uma companhia	8
Passei toda a noite, sem saber dormir, vendo sem espaço a figura dela	9
Talvez quem vê bem não sirva para sentir	10
O pastor amoroso perdeu o cajado	11

## I

Quando eu não te tinha  
Amava a Natureza como um monge calmo a Cristo...  
Agora amo a Natureza  
Como um monge calmo à Virgem Maria,  
Religiosamente, a meu modo, como dantes,  
Mas de outra maneira mais comovida e próxima.  
Vejo melhor os rios quando vou contigo  
Pelos campos até à beira dos rios;  
Sentado a teu lado reparando nas nuvens  
Reparo nelas melhor...  
Tu não me tiraste a Natureza...  
Tu não me mudaste a Natureza...  
Trouxeste-me a Natureza para ao pé de mim.  
Por tu existires vejo-a melhor, mas a mesma,  
Por tu me amares, amo-a do mesmo modo, mas mais,  
Por tu me escolheres para te ter e te amar,  
Os meus olhos fitaram-na mais demoradamente  
Sobre todas as cousas.

Não me arrependo do que fui outrora  
Porque ainda o sou.  
Só me arrependo de outrora te não ter amado.

## II

Está alta no céu a lua e é primavera.  
Penso em ti e dentro de mim estou completo.

Corre pelos vagos campos até mim uma brisa ligeira.  
Penso em ti, murmuro o teu nome; não sou eu: sou feliz.

Amanhã virás, andarás comigo a colher flores pelos campos,  
E eu andarei contigo pelos campos a ver-te colher flores.

Eu já te vejo amanhã a colher flores comigo pelos campos,  
Mas quando vieres amanhã e andares comigo realmente a colher flores,  
Isso será uma alegria e uma novidade para mim.

### III

Agora que sinto amor  
Tenho interesse nos perfumes.  
Nunca antes me interessou que uma flor tivesse cheiro.  
Agora sinto o perfume das flores como se visse uma coisa nova.  
Sei bem que elas cheiravam, como sei que existia.  
São coisas que se sabem por fora.  
Mas agora sei com a respiração da parte de trás da cabeça.  
Hoje as flores sabem-me bem num paladar que se cheira.  
Hoje às vezes acordo e cheiro antes de ver.

#### IV

Todos os dias agora acordo com alegria e pena.  
Antigamente acordava sem sensação nenhuma; acordava.  
Tenho alegria e pena porque perco o que sonho  
É posso estar na realidade onde está o que sonho.  
Não sei o que hei-de fazer das minhas sensações,  
Não sei o que hei-de ser comigo.  
Quero que ela me diga qualquer coisa para eu acordar de novo.

Quem ama é diferente de quem é.  
É a mesma pessoa sem ninguém.

## V

O amor é uma companhia.  
Já não sei andar só pelos caminhos,  
Porque já não posso andar só.  
Um pensamento visível faz-me andar mais depressa  
E ver menos, e ao mesmo tempo gostar bem de ir vendo tudo.  
Mesmo a ausência dela é uma coisa que está comigo.  
E eu gosto tanto dela que não sei como a desejar.  
Se a não vejo, imagino-a e sou forte como as árvores altas.  
Mas se a vejo tremo, não sei o que é feito do que sinto na ausência dela.  
Todo eu sou qualquer força que me abandona.  
Toda a realidade olha para mim como um girassol com a cara dela no meio.

## VI

Passei toda a noite, sem saber dormir, vendo sem espaço a figura dela  
E vendo-a sempre de maneiras diferentes do que a encontro a ela.  
Faço pensamentos com a recordação do que ela é quando me fala,  
E em cada pensamento ela varia de acordo com a sua semelhança.  
Amar é pensar.  
E eu quase que me esqueço de sentir só de pensar nela.  
Não sei bem o que quero, mesmo dela, e eu não penso senão nela.  
Tenho uma grande distracção animada.  
Quando desejo encontrá-la,  
Quase que prefiro não a encontrar,  
Para não ter que a deixar depois.  
E prefiro pensar dela, porque dela como é tenho qualquer medo.  
Não sei bem o que quero, nem quero saber o que quero.  
Quero só pensar ela.  
Não peço nada a ninguém, nem a ela, senão pensar.

## VII

Talvez quem vê bem não sirva para sentir  
E não agrade por estar muito antes das maneiras.  
É preciso ter modos para todas as cousas,  
E cada cousa tem o seu modo, e o amor também.  
Quem tem o modo de ver os campos pelas ervas  
Não deve ter a cegueira que faz fazer sentir.  
Amei, e não fui amado, o que só vi no fim,  
Porque não se é amado como se nasce mas como acontece.  
Ela continua tão bonita de cabelo e boca como dantes,  
E eu continuo como era dantes, sozinho no campo.  
Como se tivesse estado de cabeça baixa,  
Penso isto, e fico de cabeça alta  
E o dourado do sol seca as lágrimas pequenas que não posso deixar de ter.  
Como o campo é grande e o amor pequeno!  
Olho, e esqueço, como o mundo enterra e as árvores se despem.

Eu não sei falar porque estou a sentir.  
Estou a escutar a minha voz como se fosse de outra pessoa,  
E a minha voz fala dela como se ela é que falasse.  
Tem o cabelo de um louro amarelo de trigo ao sol claro,  
E a boca quando fala diz cousas que não há nas palavras.  
Sorri, e os dentes são limpos como pedras do rio.

## VIII

O pastor amoroso perdeu o cajado,  
E as ovelhas tresmalharam-se pela encosta,  
E, de tanto pensar, nem tocou a flauta que trouxe para tocar.  
Ninguém lhe apareceu ou desapareceu... Nunca mais encontrou o cajado.  
Outros, praguejando contra ele, recolheram-lhe as ovelhas.  
Ninguém o tinha amado, afinal.  
Quando se ergueu da encosta e da verdade falsa, viu tudo:  
Os grandes vales cheios dos mesmos vários verdes de sempre,  
As grandes montanhas longe, mais reais que qualquer sentimento,  
A realidade toda, com o céu e o ar e os campos que existem,  
E sentiu que de novo o ar lhe abria, mas com dor, uma liberdade no peito.